

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO CELEBRAÇÕES			CÓDIGO DA FICHA					
			GO	01	00	08	F20	02
			UF	SÍLIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Pirenópolis
LOCALIDADE	Pirenópolis
MUNICÍPIO / UF	Pirenópolis

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Folias do Divino Espírito Santo
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Folia da Roça (Folia do Sr. Otávio, Folia da Zona Rural, Folia do Roque), Folia da Cidade (Folia da Rua), Folia da Igreja (Folia do Padre). Folias do Divino.
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

 SET-8945 - CHEGADA DA FOLIA DO PADRE FOTO: SAULO CRUZ, 2008	 SET- 2316 - SAÍDA DA FOLIA DO PADRE FOTO: SAULO CRUZ, 2008
--	--

	
---	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02



SET-2441 - FORRÓ NA FOLIA DA ROÇA
FOTO: SAULO CRUZ, 2008



RESTARQ-0030-JGC- F20-02 - JANTA DA FOLIA DA CIDADE
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008



RESTARQ-0032-JGC- F20-02 - CHEGADA DA FOLIA DA CIDADE
NA CASA DO IMPERADOR
FOTO: JOÃO GUILHERME CURADO, 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO	01	00	08	F20	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

4. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Segundo Cascudo, *“a folia é bando precatório que pede esmolas para a festa do Divino Espírito Santo (Folia do Espírito Santo) ou para a festa dos Santos Reis Magos (Folia de Reis)”* (2008, p. 242). As Folias são festas móveis que compõem o calendário das celebrações cristãs com rituais de culto ao Divino Espírito Santo. *“Desde seu surgir, na Península Ibérica, até o presente momento, ela foi sofrendo mudanças e adaptações conforme os costumes locais de cada região”* (PEREIRA, 2006, p. 9).

No passado, em Pirenópolis, existiam várias folias com devoções diversas que “giravam” – perfazendo trajetos circulares - na zona rural e urbana do município. Atualmente, durante a Festa do Divino, existem três Folias do Espírito Santo que são assim denominadas pelos participantes: Folia da Roça e Folia do Padre, ambas com caráter rural e Folia da Cidade. A Folia é composta por *“um grupo de homens, usando símbolos devocionais, acompanhando com cantos o ciclo do Divino Espírito Santo, festejando-lhe a véspera e participando do dia votivo”* (CASCUDO, 2008, p. 242). São rituais compostos por preparativos que se intensificam logo após a Semana Santa, com a elaboração da listagem e definição dos lugares que sediarão os pousos (fazendas ou casas e trajetos dos giros), confecção de roupas, enfeites e indumentárias, produção de infra-estrutura e alimentos e busca de recursos. Os giros, trajetos da Folia, são realizados durante o dia e, atualmente, são em média compostos por oito pousos, organizados antecipadamente, em regime de mutirão. Na zona rural, as Folias são percorridas a cavalo enquanto na urbana o percurso é feito a pé. As Folias têm como um de seus objetivos recolher donativos e esmolas para a realização da festa do Divino Espírito Santo. As Folias da Roça e da Cidade entregam o produto da coleta junto com as Bandeiras do Divino, no altar da Coroa, na casa do Imperador. Na Folia do Padre, a Igreja recebe os donativos.

As Folias possuem uma hierarquia de foliões bem definida: alferes, embaixadores, regentes, procuradores e salveiros. Além dos foliões que cumprem todo o trajeto - mas não ocupam nenhum cargo hierárquico e são identificados pelo uniforme e pela divisa (uma pombinha do Divino presa na camisa com um alfinete, enfeitado por um laço de fita vermelha) -, existem ainda os chamados “cata-pousos” ou “foliões de atalho”: aqueles que comparecem apenas a determinados momentos, principalmente o forró após a janta. Dentre as funções que podem ou não ser realizadas por foliões, destacam-se os tropeiros (que cuidam da tropa), os serventes (que organizam a distribuição dos alimentos) e os cozinheiros.

Os foliões são aventureiros que saem de suas casas tal qual o viajante, *“assim, nos prazeres e adversidades da viagem sem descanso, ritualmente se renovam a nostalgia da vida errante do tropeiro, a ousadia das marchas militares e dos desbravadores, a missão purificadora do andarilho e a sensação permanente de estranhamento”* (VEIGA, 2002, p.89).

O ritual da Folia consiste em várias etapas iniciadas com a chegada da Folia ao arco onde, através de cantoria, é pedido o pouso. Os versos rimados e improvisados saúdam os donos da casa/fazenda, dando início ao enredo que canta o ciclo do Divino Espírito Santo, entremeado de agradecimentos e peditórios. Ao aceitar o pouso, os donos da casa recebem as Bandeiras. Quando há uma xícara pendurada no arco, os regentes devem sair à procura do “presente” – normalmente uma garrafa de pinga que deve ser encontrada para que o ritual possa prosseguir - enquanto os demais componentes continuam nos versos que vão descrever o arco, como flores, laços, cores, etc. Encontrado o presente, a xícara é retirada do arco e os foliões seguem em direção ao cruzeiro, presente apenas nas Folias rurais, situado entre o arco e o altar. Neste momento, os donos da casa indicam o servente, ou seja, aquele que coordenará a distribuição de alimentos. Em seguida, um dos regentes retira o cruzeiro e a Folia avança até o altar. Diante do altar improvisado, os foliões cantam versos que descrevem o altar, além de benditos, louvados e o terço. Segue a dança do Chá, quando os foliões cantam e distribuem na xícara o “presente” (a pinga) encontrado pelos regentes.

Há uma pequena pausa até que retornam ao altar para as orações e cantorias de antes da janta. Seguem em direção à mesa, onde se encontra a comida, tendo início os cânticos de agradecimento e orações. Após a janta, seguem-se novos agradecimentos e o ritual de peditório de esmolas, cuja duração depende do número de doadores que recebem um verso próprio ao segurarem a Bandeira durante a doação.

Durante a noite e a madrugada, acontecem a dança do catira e o forró, com a presença dos foliões e foliões de “atalho” – aqueles que chegam somente para esta etapa do festejo. Ao amanhecer, há a alvorada e o café da manhã. O grupo começa a preparar a partida que ocorre após os rituais de agradecimentos à mesa do almoço e a despedida do local.

As Folias são festas tradicionais, com estrutura ritual própria e celebração complexa, congregadas em torno de uma única crença - no Divino Espírito Santo. São também festejos dinâmicos realizados, a cada ano, por um grande número de pessoas, configurando-se, assim, em um somatório de memórias e experiências coletivas que acabam por gerar vários conflitos. Por outro lado, como prática cultural, a Folia continua viva no imaginário local como uma herança cultural permanentemente atualizada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02

“A identidade rural vigente em Pirenópolis é reforçada pelas folias do Divino” (VEIGA, 2002, p. 171). Estas ampliam o território da festa ao girar pela área rural do município, - no caso das Folias rurais -, e nos bairros periféricos no caso da Folia da cidade. Ambas demonstram enorme capacidade de mobilização ao criar envolvimento e participação na Festa do Divino como um todo.

Fonte:

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore brasileiro. 2ª Reimp. São Paulo: Global, 2008. 768p.

PEREIRA, Ivone Aparecida. A Folia de Reis: ritos de outrora e de hoje. In: Deus: salve este devoto! As festas religiosas no Centro-Oeste. Goiânia, Ed. UCG, 2006. p. 9-13.

VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Rio de Janeiro, PPGACP/ICHF/UFF, 2002. 220p. (Mestrado em Antropologia).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO	01	00	08	F20	02
--	-----------	-----------	-----------	-----------	------------	-----------

5. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA CELEBRAÇÃO

5.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A Folia da Roça tem início na Rua do Rosário, na casa de Seu Otávio de Moraes – *“homem que dedicou sua vida à folia do Divino de Pirenópolis”* (Veiga, 2002:33, opus cit.), mesmo após o seu falecimento em 1994. Lá acontece o “junta” – reunião dos foliões um dia antes da saída da Folia. Nessa ocasião, são realizadas orações e cantorias no altar montado na sala da frente de sua casa e as Bandeiras são bentas pelos foliões. De lá, na manhã seguinte, os foliões saem da cidade a cavalo, hierarquicamente perfilados, pelo trevo de Goianésia em direção à fazenda Seringueira, lugar do primeiro pouso (26/04/2008). Passando por rodovia federal (BR-070) e seguindo pela GO 338 - que liga Pirenópolis a Goianésia -, a Folia seguiu em direção à fazenda Raizama, de propriedade de Antônio Santana, o ponto mais distante do circuito. Partindo em direção ao próximo pouso - e já desenhando um círculo - o giro segue para a tradicional fazenda Santa Rita, de Leide Batista Oliveira (Neguinho), pouso que reúne os descendentes do Sr. Sebastião de Arruda, antigo organizador desta folia. Os foliões pernoitam ainda nas fazendas Pulador, no povoado de Santo Antônio, na fazenda Engenho e na fazenda Sabão, chegando ao último pouso no sábado dia 03/05/2008, na fazenda Caiçara de Cima, pertencente a João Baldino. O grupo retorna pela estrada que liga Pirenópolis à Planalmira, realizando uma grande volta em torno da cidade, percorrendo trilhas e estradas de acesso entre as várias fazendas e povoados. Na chegada, realiza-se o desfile, que, mais uma vez, em trajetória circular, percorre as principais ruas da cidade, tomadas por centenas de espectadores, e termina a jornada na Casa do Imperador (ou festeiro). O encerramento é marcado pela entrega das Bandeiras e das esmolos, acompanhadas de cantorias e muitos fogos; em retribuição, o festeiro oferece um fausto jantar.

A Folia do Padre teve início dia 18 de abril na Igreja sediada no Salão Paroquial. O “junta” dessa Folia é caracterizado pelo levantamento das Bandeiras na porta da Igreja e cantoria e bênção das Bandeiras dentro do salão, em cerimônia conduzida por um ministro da Igreja. Os foliões seguiram para o almoço em uma casa na Rua Benjamim Constant, onde se repetem os mesmos procedimentos das outras folias, com agradecimentos de mesa, catira e cantoria de despedida. No meio da tarde, a Folia saiu da cidade pelo Bairro do Carmo, seguindo para o primeiro pouso na fazenda de Luiz Figueiredo e Ireni Leite Figueiredo, na região do São João. Num percurso circular de leste para o oeste, o giro seguiu para os povoados de Bom Jesus e Santo Antônio, passando pelas comunidades de Santa Mônica, São Benedito, Castelo e Retiro, região do Catingueiro e Comunidade Barbosa, e teve seu último pouso nas comunidades de Fogaça, Sardinha, Mar e Guerra e Jenipapo. Nos povoados, apesar da presença de uma casa de apoio, houve o envolvimento da comunidade na realização dos pousos. A Folia chegou de volta à cidade pela rodovia que liga Planalmira à Pirenópolis, e desceu a Avenida Benjamim Constant até o Salão Paroquial. Diferentemente da Folia da Roça, não há tantos espectadores acompanhando a chegada; as esmolos e as Bandeiras, por sua vez, são entregues na Igreja, onde o festeiro oferece um lanche para os foliões.

A Folia da Cidade teve, em 2008, nove pousos, iniciados no dia 25 de abril, com o “junta” na Casa de Manoel Moreira da Silva (Mané Chato), na Rua Emílio de Carvalho, no Alto do Bonfim, de onde seguiu para o primeiro pouso, na Rua 15 de novembro, na casa de Clemente Maciel. O segundo pouso foi na Rua do Carmo, na residência de Geraldo Nelson Vieira. Em seguida, o giro se deslocou para a Vila do Couro, na Rua Matadouro, na casa de Irene da Silva Gomes. O quarto pouso foi na casa de Jair Sobrinho Pena, na Praça Mineirinho, no Alto da Lapa. O pouso seguinte aconteceu no mesmo bairro, na casa de Antônio Pereira da Silva, que mora na Rodovia Jarbas Jayme, saída para Anápolis. Para o sexto pouso, o giro ficou um pouco maior, pois os foliões se deslocaram do Alto da Lapa para o Alto do Bonfim, para a residência de Margarida do Nascimento, seguida pela de Olívia de Souza e Silva. O pouso seguinte foi realizado na residência de Aparecida Neres da Cunha, e, fechando o giro, na casa de Catiúscia Siqueira, de onde as Bandeiras partiram para a Casa do Imperador, passando antes pela casa de Mauro de Pina, situada no Largo da Matriz. O giro desta Folia percorre um trajeto circular pelos bairros do entorno do Centro Histórico, começando e terminando no Bairro do Bonfim.

5.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Não há

5.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A CELEBRAÇÃO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02

De acordo com Veiga (2002, opus cit.), a negociação dos pousos da Folia da Roça é complexa e exige diversos encontros entre os alferes e os donos das fazendas, encontros estes que podem ser feitos na rua, nas lojas do comércio local ou nas próprias fazendas. Nos encontros iniciais, o alferes convida o fazendeiro e sua família a oferecer um *pouso de Folia*. Em alguns casos, o pouso é oferecido devido a promessas, mas o mais recorrente é “dar o pouso por devoção”. O fazendeiro dá a resposta alguns dias depois, para que as primeiras providências possam ser iniciadas. Feito o acordo, os alferes orientam o fazendeiro sobre como formar o pouso, principalmente se é a primeira vez em que ele participa. O agenciamento do espaço deve ser iniciado em janeiro, regulado pelo ciclo de abates e colheitas nas fazendas, pois permite que o fazendeiro reserve suprimentos para a Folia. No período próximo à Festa, é momento de fazer os ranchos, limpar os córregos, represas e rios próximos à casa, assim como arrumar as cercas de arame para que os cavalos não fujam durante a noite. É preciso, também, limpar o pasto da frente para que os foliões possam fazer a evolução conhecida por “S” – quando, montados a cavalo e em fila dupla, fazem movimentos formando semicírculos que culminam com as duas filas paralelas desenhando “esses”, até finalizar a evolução com as duas Bandeiras diante do arco. Ranchos de palha, e ultimamente de lona ou plástico, são construídos para abrigar a cozinha e o espaço destinado à alimentação dos foliões. A sala da casa é preparada para abrigar as bandeiras e um altar é montado. Contratam-se cozinheiros quando a família não se disponibiliza para a preparação da comida. No espaço em frente à casa, é colocado um arco e, no caso das Folias rurais, também o cruzeiro por onde passam os foliões depois que o dono da casa aceita a visita das Bandeiras. Para o dia do pouso, o dono da fazenda organiza o espaço prevendo lugares destinados às celebrações e à alimentação dos foliões, assim como para o acomodamento das equipes de apoio e, também, dos cavalos. Na Folia da Roça reserva-se também espaço para o forró, banheiros, estacionamento e área para vendedores ambulantes. As estradas são sinalizadas e preparadas pela prefeitura para receber o enorme fluxo de veículos que por elas trafegam, tanto dos organizadores dos pousos e foliões, quanto dos foliões de atalho ou cata-pousos. Na Folia do Padre não há forró e, sim, dança do catira. Diferentemente da Folia da Roça, a Folia do Padre é agenciada pelos fiéis participantes da Igreja que não escondem o desejo de realizar os pousos em localidades que possuam capelas, como por exemplo, São João, Genipapo, Santa Mônica, Chapada e São Benedito (Engenho), e que estes pousos sejam organizados pela comunidade local e não por apenas famílias ou indivíduos isolados.

Na Folia da Cidade, onde o percurso é feito a pé e dentro da área urbana, as negociações entre os alferes e os donos das casas são mais simples de serem realizadas. Há uma preocupação com a localização do pouso, pois embora o bairro do Bonfim apresente o maior número de candidatos, o giro deve fazer um trajeto circular; daí os pousos acontecerem também no Bairro do Carmo, na Vila do Couro, no Alto da Lapa e na Vila Mutirão. É comum, algumas vezes, a cessão do direito do pouso para alguém que precisa cumprir voto ou promessa, ou até por interesses políticos, por exemplo. A lista só é confirmada no dia do “junta”. *“Às vezes se consegue espaço no giro, outras não”,* como relata Manuel Moreira da Silva em relação à Folia da Cidade: *“não sobrou pra mim pouso não, mas sempre eu dô pouso, já dei pouso dez ano seguido, ai faiei, o ano retrasado eu dei, ano trasado eu num dei, esse ano passado também não, agora esse ano num sobró o pouso, mas sobrou o juntamento pra mim”* (18 de março de 2008). Por se localizar na área urbana, os pousos desta Folia esvaziam-se durante a noite; quando não há farta distribuição de bebidas, os foliões vão dormir em casa, voltando no dia seguinte para dar seqüência ao ritual. Após a definição dos pousos, há a preocupação em adquirir ou conseguir mantimentos a serem servidos. Contratam-se cozinheiros ou, na maioria das vezes, chamam-se amigos e parentes para que colaborem, no que são prontamente atendidos. A casa não passa por alterações significativas. Na sala é montado um altar provisório para as bandeiras, de acordo com o gosto ou posses do morador. A cozinha recebe reforço de fogareiros ou se preparam os alimentos no fogão da própria casa. Em alguns poucos pousos, uma cozinha foi improvisada no quintal, bem como a construção de ranchos de palha ou de lona plástica.

Fonte:

Entrevista concedida por Manuel Moreira da Silva, realizada em 18/03/2008.

GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1978. 181p.

VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Rio de Janeiro, PPGACP/ICHF/UFF, 2002. 220p. (Mestrado em Antropologia).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	--------------------

6. TEMPO

DATA	☐ DATA FIXA: DIA ____ MÊS _____ ☒ DATA MÓVEL: As datas das Falias são baseadas no calendário litúrgico cristão, tendo por referência o Domingo de Pentecostes. Folia do Padre – termina duas semanas antes do Domingo de Pentecostes. As Falias da Roça e da Cidade acabam uma semana antes do Domingo de Pentecostes.
DURAÇÃO	De 18/04/08 (SAÍDA) A 27/04/08 (CHEGADA) - FOLIA DO PADRE De 25/04/08 (SAÍDA) A 04/05/08 (CHEGADA) - FOLIA DA CIDADE De 26/04/08 (SAÍDA) A 04/05/08 (CHEGADA) - FOLIA DA ROÇA
PERIODICIDADE	☒ ANUAL ☐ OUTRA ESPECIFICAR _____

Ocorrência efetiva desde 1997 (FOLIA DO PADRE)

1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
☐	☐	☐	☐	☐	☐	☒	☒	☒	☒	☒	☒

Ocorrência efetiva desde 1997 (FOLIA DA ROÇA E FOLIA DA CIDADE)

1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02

7. HISTÓRIA**7.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

As Folias são tão antigas quanto os festejos do Divino, tendo ao longo do tempo suas funções redefinidas. Segundo Silva, a versão mais aceita sobre as origens da Folia “é a de que partiu da própria Igreja a iniciativa de instituí-las, como uma forma de estender as cerimônias religiosas até moradores de fazendas, sítios e chácaras” (2001, p.32). Hoje, a Igreja não tem uma atuação direta em duas delas (a Folia da Roça e a Folia da Cidade), daí o surgimento dos conflitos entre as três Folias existentes. São ritos marcados pela religiosidade popular, voltados, também, para o encontro, a reunião com os amigos e o cumprimento da tradição ligada aos grupos envolvidos. A Folia do Padre surgiu há cinco anos atrás, de uma dissidência da Folia da Roça, devido a conflitos entre os foliões e a Igreja e entre os próprios foliões. Em 2002, antes de ser criada a Folia do Padre, Veiga presencia a visita do pároco, Luiz Virtuoso, a uma das fazendas onde estava acontecendo o pouso e assim observou: “o episódio revelou a co-existência de duas liturgias demarcadas e em conflito, evidenciando a clássica distinção entre culto oficial e o popular. Diante da situação, o sacerdote procedeu conforme uma lógica de exclusão ritual, ora excluindo o grupo, ora excluindo-se do grupo” (2002, p.112). Nesse episódio, o padre não permitiu que os foliões comungassem alegando a situação de “pecado” em que estavam e não participou do ritual da bênção da comida e dos agradecimentos à mesa. A partir desse acontecimento, surge, no ano seguinte, a Folia do Padre que tem como objetivo cumprir com todas as etapas ritualísticas que a tradição exige (junta, bênção das bandeiras, giro pelas fazendas, cânticos de chegada, benditos, terços etc.), mas estabelecendo os limites entre o sagrado e o profano: nessa Folia não tem forró e a bebida, apesar de existir, não é abertamente assumida.

A esmola recolhida por esta Folia é entregue na Igreja e não Casa do Imperador, como as outras duas. Os conflitos são aparentes não só entre as Folias, principalmente entre a Folia do Padre e a Folia da Roça, mas também entre os próprios participantes. Em 2008, observamos a presença de foliões da Folia do Padre participando dos rituais da Folia da Cidade, mas não é comum um folião do Padre participar da Folia da Roça.

Das folias existentes atualmente, a da Roça é a mais antiga, organizada há 141 anos. Tem origem na Folia da região de Mateus Machado, município de Pirenópolis. Foi criada pelas famílias Arruda e Pereira. Antigamente, existiam 4 ou 5 folias ligadas à festa do Divino Espírito Santo, muitas das quais podiam durar por mais de um mês. Com o tempo, umas se dissolveram e outras se agregaram à atual Folia da Roça. Alguns participantes de grupos de Folia de Reis também se agregaram a ela. O senhor Otávio de Moraes, nascido na região de Mateus Machado, participou desta Folia por mais de 60 anos, dos quais muitos deles como alferes. Roque Alves de Fonte, um dos alferes da Folia da Roça, ao contar um pouco da trajetória do Otávio de Moraes dentro da Folia, começa dizendo que ele teria iniciado no giro quando tinha apenas oito anos: “*aí, com a idade de doze anos pra treze anos, ele começou a aprender a tocar viola, começou aprender menino ainda, com quinze anos ele já era músico na Folia, com a idade de dezoito anos por aí, ele já era embaixador da Folia*” (26 de março de 2008). A manutenção da tradição pode ser percebida, em todos os seus conflitos, na fala de Otávio Francisco, que sendo sobrinho neto de Otávio de Moraes e sobrinho de Litão (o outro alferes, sobrinho de Otávio de Moraes), tem a responsabilidade de manter em família os desígnios da Folia da Roça, mesmo contra a vontade do pai e com o total apoio da mãe. Perguntado se faz as mesmas coisas que os demais foliões, responde: “*faço, só não bebo pinga*” (26 de abril de 2008).

A segunda mais antiga, é a Folia da Cidade que, há mais de 60 anos, vem sendo organizada nos bairros mais periféricos. Conta com a participação de foliões de outros municípios, como Vila Propício e Jaraguá, que já fizeram parte do município de Pirenópolis. Na programação oficial da Festa do Divino Espírito Santo só há menção da saída e chegada desta Folia, não havendo especificação dos pousos como para as demais.

Fonte:

Entrevista concedida por Otávio Francisco, realizada em 26 de abril de 2008.

Entrevista concedida por Roque Alves Fonte, realizada em 26 de março de 2008.

SILVA, Mônica Martins da. *A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Goiânia, Agepel, 2001. 229p.

VEIGA, Felipe Berocan. *A Festa do Divino Espírito santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito*. Rio de Janeiro, PPGACP/ICHF/UFF, 2002. 220p. (Mestrado em Antropologia).

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	---------------------------

7.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

A manutenção da tradição pode ser percebida, em todos os seus conflitos, na fala de Otávio Francisco, que sendo sobrinho-neto de Otávio Moraes e sobrinho de Litão, tem a responsabilidade de manter em família os desígnios da Folia da Roça, mesmo contra a vontade do pai e com o total apoio da mãe. Em entrevista à equipe, Otávio Francisco afirmou, com lágrimas nos olhos, que “queria que seu tio-avô estivesse ali naquele momento” e que pretende “tomar o seu lugar na Folia”. Como se vê, o pequeno Otávio procura repetir a trajetória de seu tio-avô que, segundo Roque Alves de Fonte, “iniciou no giro com apenas oito anos; com doze, começou a aprender a tocar viola; com quinze, já era músico na Folia; e com dezoito, já era embaixador”. (entrevistas com Otávio Francisco e com Roque de Fonte, no dia 26 de abril de 2008).

Para Seu Zuca (José Divino Pereira), músico atuante nos Terços dos Cavaleiros, na Folia da Rua e na Folia do Padre, “a Folia da Roça é a tradicional, mas não é a original”, referindo-se aos “excessos” (principalmente bebidas alcoólicas e bailões) que vêm caracterizando a Folia da Roça.

Para Rafael Leite, alferes da Folia do Padre, “a Folia do Padre nasceu pequena, saiu a primeira vez com doze cavaleiros, o padre falou: é uma semente que vocês estão plantando, como os doze apóstolos e a missão de evangelização da Igreja”. (10 de maio de 2008)

Sobre algumas modificações sofridas pela Folia, Luís Pereira da Silva - Imperador em 2006 e ministro da eucaristia – comenta que “a Folia da zona rural, como é conhecida aqui em Pirenópolis como a folia tradicional, ela começou, chamava-se Folia Sebastião de Arruda, falava Bastião de Arruda, né, mais antigo. Ela começou com ele aqui, duma época pra frente, e depois, por seu falecimento, ele passou ela pro comando do Otávio; aí passou a ser a Folia do seu Otávio, com o passar do tempo, ele também faleceu, então foi entregue ao alferes que é hoje atual, que é o Roque Alves de Fontes, que é alferes e coordenador da Folia da zona rural. Na época do padre Joel, quando ele era pároco em Pirenópolis, ele queria que a Folia tradicional tirasse alguns quesitos, ou seja, bebidas, sons mecânicos, né, vendedores ambulantes, dessa Folia, porque ele via que atrapalhava a parte religiosa da Folia, né, tirava um pouco das origens da Folia. Que no começo dos tempos, a gente sabe que ela começou com os padres, no Brasil Colônia, vamos dizer assim, né? Desde o começo do descobrimento do Brasil, ela vem dos padres que eram poucos. Então esse trajeto que eles faziam nas fazendas, nas comunidades eram sempre andando de cavalos, porque não tinha, não tinha transporte naquela época, então todos os padres iam fazer, esse, esse, cortejo até as comunidades mais próximas, ou mais distantes montados a cavalo; as pessoas acompanhavam o padre” (26 de março de 2008).

Fonte:

Entrevista com Otávio Francisco – Folia da Roça em 26 de abril de 2008.

Entrevista com Roque Alves de Fonte – alferes da Folia da Roça em 26 de março de 2008.

Entrevista com Luís Pereira da Silva – coordenador da Folia do Padre e ex-imperador em 5 de maio de 2008.

Entrevista com José Divino Pereira – músico da Folia do Padre e da Cidade em 13 de março de 2008.

Depoimento de Rafael Leite – alferes da Folia do Padre em 10 de maio de 2008.

7.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
Início do séc. XVIII	Surgimento provável das Falias do Divino em Pirenópolis.
Década de 1880	Surgimento da Folia da Roça
Meados do séc. XX	Surgimento da Folia da Cidade
2003	Surgimento da Folia do Padre

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	---------------------------

8. ATIVIDADE

8.1. PROGRAMAÇÃO	
ETAPA	ATIVIDADE
“Junta”	Lugar determinado para o encontro dos foliões para a realização do ritual de bênção das bandeiras que farão o giro. Nas Foliás da Roça e da Cidade, o junta ocorre em residências. Na Folia do Padre, o “junta” foi realizado no Salão Paroquial. Nos “juntas” acontecem cantorias, rezas, bênções, jantares e almoços. O “junta” mais longo é o da Folia da Roça, realizado na casa de seu Otávio, com duração de dois dias.
Saída	Acontece após o ritual de agradecimento da mesa do almoço. Os foliões seguem em duas filas lideradas pelos alferes e percorrem as ruas da cidade, sem repetir caminhos, em direção ao primeiro pouso.
Giro	Trajetos realizados durante o dia entre um pouso e outro, que pode ser perto ou distante. No percurso, os alferes visitam as moradias ou fazendas ao longo do trajeto. A bandeira segurada pelo alferes da direita visita as casas ou fazendas situadas neste lado do caminho. A situação se inverte com a outra bandeira.
Pousos	O giro é interrompido a cada dia, para a realização dos pousos, após a realização dos rituais de entrada como o “S” na frente da casa, a passagem pelo arco, a parada no cruzeiro (onde é indicado o servente do Pouso), a reza no altar e a dança do Chá – um Catira cantado pelos foliões, podendo ser acompanhado por todos, homens, mulheres e crianças. A música, acompanhada por viola, pandeiro e sanfona, faz alusão à bebida. É um momento de euforia onde “o presente” (a pinga) encontrado durante o ritual da passagem pelo arco é distribuído. O dono da casa oferece uma janta, seguida dos agradecimentos e do pedimento de esmolas. Mais tarde, há o forró ou a dança do catira. Na madrugada, há a alvorada seguida pelo café da manhã. Logo após, começam os preparativos para a saída para o próximo pouso, que acontece após o almoço e os agradecimentos aos donos da casa.  SET -2997 - DANÇA DO CHÁ – FOLIA DA ROÇA FOTO: SAULO CRUZ, 2008
Chegada	Após os pousos, no domingo anterior ao de Pentecostes as Foliás fazem a sua chegada, ou seja, a volta à cidade; ou, no caso da Folia da Cidade, a volta ao bairro onde iniciou-se, fechando assim o círculo festivo destinado ao pedimento de donativos. A Folia do Padre chega pela Avenida Benjamin Constant em direção ao Salão Paroquial, onde entrega os donativos recolhidos à Igreja. A Folia da Cidade desce do Bonfim em direção ao centro, passando pela casa de Mauro de Pina e seguindo para a Casa do Imperador, onde entrega as esmolas. A Folia da Roça chega pela Avenida Benjamin Constant, passa pela Rua do Rosário, Rui Barbosa, Rua Direita, Rua Nova, Travessa Sebastião Brandão e Avenida Sizenando Jayme, cruzando a Benjamin Constant na altura da prefeitura e chegando à Casa do Imperador. Esta Folia é muito aguardada pela comunidade que se aglomera ao longo de todo o trajeto onde a Folia tem hábito de passar, com o intuito de “tocar” a Bandeira.

8.2. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
STATUS	FUNÇÃO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	---------------------------

Alferes / líderes-guias	São os líderes organizadores da Folia e portadores das Bandeiras do Divino. Negociam os pousos e orientam todas as etapas de organização. Estabelecem os roteiros do giro, distribuem ou vendem camisas e terços para os cavaleiros e entregam as divisas – ou <i>divininhos</i> – aos foliões, devidamente benzidas por um padre. Os alferes eram sorteados junto com o Imperador. Atualmente são escolhidos pelo grau de envolvimento com o evento, não sendo comum a troca de alferes; daí as denominações “Folia do Otávio” e “Folia do Roque”, por exemplo. Os alferes em 2008 foram: da Folia da Roça: Roque Alves de Fontes e Wellington Alves de Bastos (Litão); da Folia da Cidade: Mauro Vicente dos Santos e Elesbão da Folia do Padre: Rafael Leite e Celmo Afonso de Sousa
Embaixadores/ Músicos	Mestres litúrgicos da Folia, que entoam os versos de chegada, agradecimento e despedida nos pousos; junto com os músicos, são responsáveis pelo “cantório” com violão, viola, cavaquinho, sanfona, pandeiro e zabumba.
Regentes	São responsáveis pela ordem e disciplina do grupo. São eles que procuram o “presente” normalmente uma garrafa de pinga escondida nas proximidades do arco, que deve ser encontrada para que o ritual prossiga.
Procuradores	Coletam as esmolas durante o peditório realizado pelos embaixadores.
Salveiros	São responsáveis pelos fogos e tiros que anunciam os momentos rituais mais importantes.
Tropeiros	Nos pousos, pela manhã, recolhem os cavalos para os foliões. São os aspirantes a foliões, geralmente 4 ou 5 jovens que demonstram interesse pela Folia cuidando das montarias.
Foliões	Participantes da Folia em geral. Recebem a denominação de foliões de atalho quando não giram a Folia, ou seja, quando não cumprem todo o percurso da saída à chegada.

8.3. CAPITAL E INSTALAÇÕES – FOLIAS RURAIS	
DESCRIÇÃO	Melhoria das estradas de acesso
QUEM PROVÊ	Poder público municipal
FUNÇÃO	Acesso às fazendas onde os pousos rurais acontecem
DESCRIÇÃO	Fazendas
QUEM PROVÊ	Os proprietários
FUNÇÃO	Realização dos pousos (Folia do Padre e Folia da Roça)
CAPITAL E INSTALAÇÕES – FOLIA DA CIDADE	
DESCRIÇÃO	Casas
QUEM PROVÊ	Os proprietários
FUNÇÃO	Realização dos pousos

8.4. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Infra-estrutura para acampamentos: barracas, fogões, vasilhames, etc Equipamentos e mantimentos para os cavalos
QUEM PROVÊ	Os foliões

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	---------------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Tem como finalidade acompanhar os giros dando apoio aos foliões e assistência aos cavalos
DISPONIBILIDADE	Cada grupo organiza o seu próprio acampamento

8.5. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Janta e almoço: arroz, feijão, mandioca com costela, macarrão e salada de tomate com repolho (é o cardápio recorrente, com algumas variações por pouso).
QUEM PROVÊ	O dono da casa, contando ou não com o auxílio dos Alferes
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Socializar o alimento, alimentar os foliões e demonstrar fartura.
DESCRIÇÃO	Comidas vendidas pelos ambulantes: cachorro-quente, sanduíches, churrasquinho.
QUEM PROVÊ	Os ambulantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentar o grande público presente durante o forró.
DESCRIÇÃO	Café da manhã: café, quitandas diversas: biscoitos, bolos dentre outros.
QUEM PROVÊ	O dono da casa, contando ou não com auxílio dos Alferes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Alimentar os foliões.
DESCRIÇÃO	Pinga ou cachaça
QUEM PROVÊ	Os foliões. No passado, a pinga era produzida nos alambiques das próprias fazendas e oferecida pelos promotores dos pousos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Propiciar euforia aos participantes
DESCRIÇÃO	Cerveja.
QUEM PROVÊ	Os participantes do pouso e os ambulantes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Propiciar euforia aos participantes.

8.6. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS	
DESCRIÇÃO	As Bandeiras da Folia.
QUEM PROVÊ	Os alferes.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Objetos maiores de veneração e devoção, são elas que abrem a Folia simbolizando a presença do Divino Espírito Santo. Todos os rituais que envolvem a Folia têm as Bandeiras que, pelas mãos dos alferes, visitam as casas, abençoando-as e recolhendo donativos para a realização da Festa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	---------------------------

DESCRIÇÃO	Os altares dos pousos são enfeitados com imagens e estampas dos santos de devoção da casa. Ostentam castiçais com velas, flores frescas do jardim ou de plástico ou papel e, normalmente a Bíblia Sagrada, dispostos sobre toalhas brancas de renda ou vermelhas com pombinhas bordadas ou pintadas. No teto, se alternam bandeiras brancas e vermelhas.
QUEM PROVÊ	O dono do pouso
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Local onde os envolvidos no giro da Folia depositam as bandeiras, consagrando sua devoção ao Divino Espírito Santo; local de realização de rezas e cantórios.
DESCRIÇÃO	Divisas ou “divininhos” – distintivo dos foliões das Falias da Roça, preso na camisa com um alfinete enfeitado por um laço de fita vermelho: medalhas vermelhas com a pomba do Espírito Santo em dourado, devidamente benzidas por um padre. Geralmente, é utilizado pela maioria dos foliões, independentemente da Folia. Na Folia da Cidade, a divisa, em 2008, consistiu em um lenço vermelho amarrado no pescoço. A Folia do Padre utilizou lenço de cetim vermelho com estampa do Divino e nome dos patrocinadores.
QUEM PROVÊ	Os alferes (contando com o apoio de patrocinadores)
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar o grupo como devoto do Divino; distinguir, em meio à multidão, os foliões que participam oficialmente da Folia.
DESCRIÇÃO	Arco da entrada (feito com palha de coqueiro ou folhas de bambu)
QUEM PROVÊ	O dono da casa onde o pouso será realizado
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É um objeto indispensável para o ritual de entrada dos foliões na fazenda. Além do mais é neste arco que se encontra a xícara com indicativo de onde está o “presente” procurado pelos regentes. Enquanto não o encontram, os músicos ficam tocando e entoando versos, enquanto os donos da fazenda permanecem com as bandeiras nas mãos, esperando para transpor o arco.
DESCRIÇÃO	Xícara e o “presente”
QUEM PROVÊ	O dono do pouso
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A xícara é um interdito para a entrada da Folia no local do pouso e só quando o “presente” – geralmente uma garrafa de pinga – é achado, ela é retirada. Mais tarde, a xícara é utilizada para passar o “presente” entre os foliões, durante a dança do chá. A partir daí, a Folia pode seguir caminho. Na Folia do Padre, a garrafa de pinga é substituída por uma garrafa pet de refrigerante.
DESCRIÇÃO	Cruzeiro – presentes na Folia da Roça e do Padre.
QUEM PROVÊ	O dono do pouso
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Significa a segunda parada da entrada da Folia. Nele fica a toalha que será entregue pelo dono da fazenda ao “servente” – responsável pela distribuição de alimentos aos foliões.

8.7. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Folia da Roça – uniforme dos foliões: chapéu, camisa de manga longa (azul e laranja ou verde e laranja), divisa (broche do Divino preso por uma fita vermelha), lenço, bota, cantil, canivete e lanterna.
QUEM PROVÊ	As divisas, os lenços e as camisas são providenciados pelos alferes; os outros itens são providenciados pelo folião.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	---------------------------

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar o folião como devoto do Divino e participante da Folia da Roça, assim como propiciar melhor controle do grupo. Cada peça da indumentária do folião tem múltiplas funções, de acordo com Veiga, <i>“O chapéu serve de proteção contra o sereno da noite e o sol do dia; cobre a cabeça no sono em qualquer lugar; evita luz forte e a poeira nos olhos. O lenço esquento o pescoço à noite, evitando inflamação na garganta, e ainda enxuga as mãos e o rosto, servindo de toalha. A bota é essencial nas caminhadas pelos pastos, matagais e áreas alagadas; evitam os carrapatos que, às pencas, grudam-se nas calças dos passantes e invadem a roupa; dá firmeza na montaria, sustenta as esporas e serve de percussão nas danças do chá e do catira. O cantil, o canivete e a lanterna são igualmente fundamentais para tornar a viagem menos penosa”</i> (2002, p. 69). Fonte: VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Rio de Janeiro, PPGACP/ICHF/UFF, 2002. 220p. (Mestrado em Antropologia).
DESCRIÇÃO	Folia da Cidade – uniforme dos Foliões: chapéu, camisa de manga longa xadrez e/ou camiseta, divisa (crachá com a função do folião), lenço e bota.
QUEM PROVÊ	As divisas, os lenços, as camisas e as camisetas são providenciados pelos alferes; os outros itens são providenciados pelo folião.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar os participantes como devotos do Divino e participantes da Folia da Cidade.
DESCRIÇÃO	Folia da Padre – uniforme dos Foliões: chapéu, camisa de manga longa não padronizada, divisa, lenço com a identificação da Folia, bota, cantil, canivete e lanterna.
QUEM PROVÊ	As divisas e lenços são providenciados pelos alferes; os outros itens são providenciados pelo folião.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar o grupo de foliões como devoto do Divino.
DESCRIÇÃO	Cata-pousos e/ou Foliões de atalho: chapéu, calças jeans e botas. Outros, em turmas, “encomendam a confecção de jaquetas próprias com suas marcas como, por exemplo, <i>Os cobiçados, Os tranquera, Os intocáveis e Os peleja</i>” (VEIGA, 2002, p. 99). Fonte: VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Rio de Janeiro, PPGACP/ICHF/UFF, 2002. 220p. (Mestrado em Antropologia).
QUEM PROVÊ	Os próprios participantes
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Integração, aceitação e inclusão no mundo rural, trazendo novidades da moda country.

8.8. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Catira - são danças restritas aos foliões que compõem as etapas rituais da Folia. Chá – dança onde os foliões e o público assistente se congregam para consumir “o presente”, normalmente uma garrafa de pinga. Os passos da dança lembram os do Catira. Forró – dança extensiva ao público assistente, acompanhada de som mecânico. Restrito à Folia da Roça.
QUEM EXECUTA	Os Foliões. No Forró da Folia da Roça, normalmente o dono do pouso contrata uma equipe de som.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Animar a celebração. O Catira e o Chá possuem função devocional para os foliões; o forró, não.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO 01 00 08 F20 02
--	---------------------------

8.9. MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Versos da Chegada; cantoria junto ao arco, durante a procura do Presente; Canto de retirada do Cruzeiro e Canto da entrega da toalha ao Servente (exceto na Folia da Cidade); Canto e reza do terço junto ao altar; Canto de Agradecimento de mesa; Canto de Pedido de Escolas. Na Folia da Roça há ainda as músicas destinadas à dança do Chá e do Catira. Na Folia do Padre, em alguns pousos, houve a leitura da Bíblia com comentários, além de missa no último pouso. Os músicos da Folia da Roça, quase todos moradores de Anápolis, têm um estilo diferente dos das outras Falias, pois trabalham com “repentes”.
QUEM PROVÊ	Os músicos e foliões
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cumprir e definir os momentos rituais da Folia.

8.10. INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Cavaquinho, viola, violão, sanfona, pandeiro e caixa.
QUEM PROVÊ	Os próprios músicos. As cordas extras são de responsabilidade dos alferes que as conseguem de antemão, junto à comunidade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Acompanhar os cânticos de versos tradicionais, improvisados ou decorados, benditos e agradecimentos.

8.11. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Proprietários das casas e fazendas	Limpeza do local.
Ambulantes	Desmonte das barracas e ida para o próximo pouso.
Foliões	Partem para o pouso seguinte com a equipe de apoio.
Cata-pousos e foliões de atalho	Retornam para suas casas.

9. PÚBLICO

DESCRIÇÃO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02

O público das três Folias é diferenciado.

Na **Folia do Padre**, o público é composto em sua maioria por pessoas que freqüentam a Igreja. Por ser uma Folia dissidente, tem um número reduzido de participantes: são em média 50 foliões, homens, entre adultos e crianças, além de um público móvel, que participa da janta e do terço – celebrado pelo padre ou seu representante – em todos os pousos. Observamos um público inferior a mil pessoas.

Na **Folia da Cidade**, cerca de 50 foliões, homens e mulheres, participam do giro, acompanhados de um público diminuto em relação às outras Folias, pelo fato dos pousos serem realizados em casas pequenas da periferia da cidade. Observamos a presença de idosos, além de mulheres e crianças. O público está presente nos horários de distribuição da comida.

A **Folia da Roça** é a maior das folias em número de participantes, segundo Veiga cerca de três mil (2002:67) e de 300 a 350 foliões com “divisas” – distintivos recebidos por aqueles que cumprem “o giro”. Nessa Folia, há o deslocamento de público não só de Pirenópolis, que tem transporte oferecido pela Prefeitura para os pousos, mas, também de municípios vizinhos: Jaraguá, Corumbá de Goiás, Anápolis dentre outros. Durante o forró, registra-se o maior público: – os foliões de atalho e cata-pousos. Os pousos das fazendas próximas à cidade são os mais concorridos. Nesta Folia, ambulantes acompanham os pousos vendendo comidas, bebidas, cigarros e jogos: registramos cerca de 20 vendedores com barracas próprias, pois, há o comércio de bebidas em carros particulares. Sobre a quantificação do público nos pousos da Folia da Roça, há a informação de que no último pouso, em 2002, o público presente chegou a “aproximadamente quatro mil pessoas” (VEIGA, 2002:103).

Fonte:

VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Rio de Janeiro, PPGACP/ICHF/UFF, 2002. 220p. (Mestrado em Antropologia).

10. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO
Benção das Bandeiras	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
Bandeiras do Divino	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
Altars	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
O Divino	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
Hino do Divino	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
Tiro de toco	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
Catira	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
Casa do Imperador	GO – 01 – 00 – 08 – F50 – 04
Cruzeiro	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3
Flores de Papel	GO – 01 – 00 – 08 – F01 – A3

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02

11. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

2

1

3

5

4

6

9

7

8

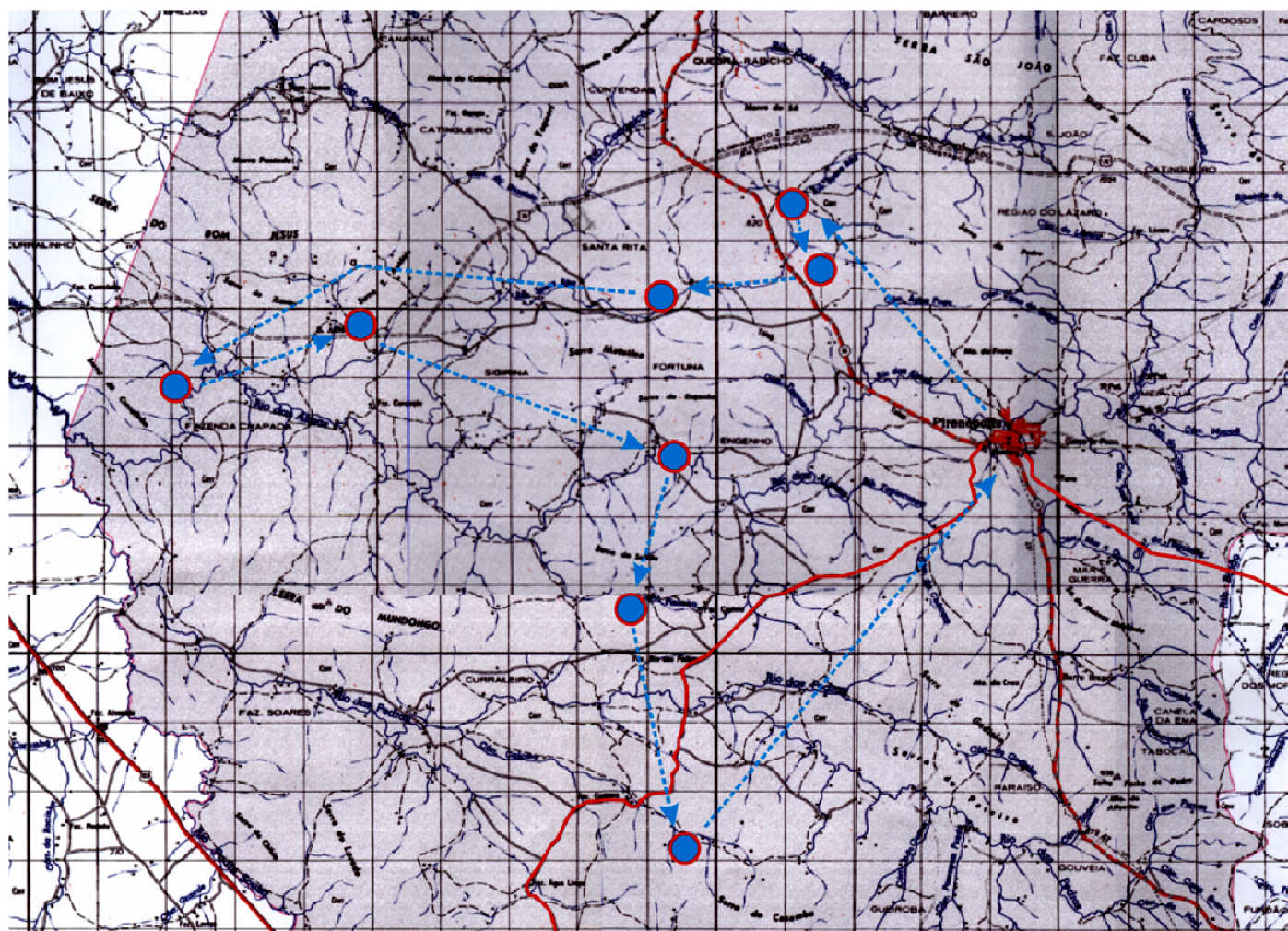
FOLIA DO PADRE NA FESTA DO DIVINO 2008

POUSO	DIA	LOCAL	PROPRIEDADE	LATITUDE	LONGITUDE
JUNTA	18/04/08	LARGO DA MATRIZ	SALÃO PAROQUIAL		
1º POUSO	18/04/08	FAZ. SÃO JOÃO	SR INÁCIO LUIZ FIGUEIREDO	15° 46' 44.11"S	48° 56' 12.65"O
2º POUSO	19/04/08	COMUNIDADE BOM JESUS	SR GERALDO PESSOA	15° 45' 49.09"S	49° 09' 29.34"O
3º POUSO	20/04/08	COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO	SR ELÓI DA CONCEIÇÃO MARCURI	15° 49' 39.70"S	49° 08' 09.13"O
4º POUSO	21/04/08	COMUNIDADE DE SANTA MÔNICA	SR AURÉLIO MOREIRA DE MELO	15° 51' 51.90"S	49° 07' 46.63"O
5º POUSO	22/04/08	COMUNIDADE DE SÃO BENEDITO	SR GERALDO REZENDE	15° 50' 44.67"S	49° 04' 48.80"O
6º POUSO	23/04/08	COMUNIDADE DE CASTELO E RETIRO	SR ADNÍLSON ANTONIO LOPES	15° 51' 39.45"S	49° 02' 52.05"O
7º POUSO	24/04/08	REGIÃO DO CATINGUEIRO	SR LUIZ ROBERTO PEIXOTO	15° 55' 33.11"S	49° 01' 51.56"O
8º POUSO	25/04/08	COMUNIDADE BARBOSA	SR ZELY BARBOSA DE OLIVEIRA	15° 55' 34.14"S	48° 57' 38.61"O
9º POUSO	26/04/08	COMUNIDADES FOGAÇA, SARDINHA, MAR E GUERRA E JENIPAPO	SR JOÃO BERTOLDO DE MELO	15° 52' 01.40"S	48° 56' 40.07"O

ETEC/IPHAN – PERCURSO DA FOLIA DO PADRE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02



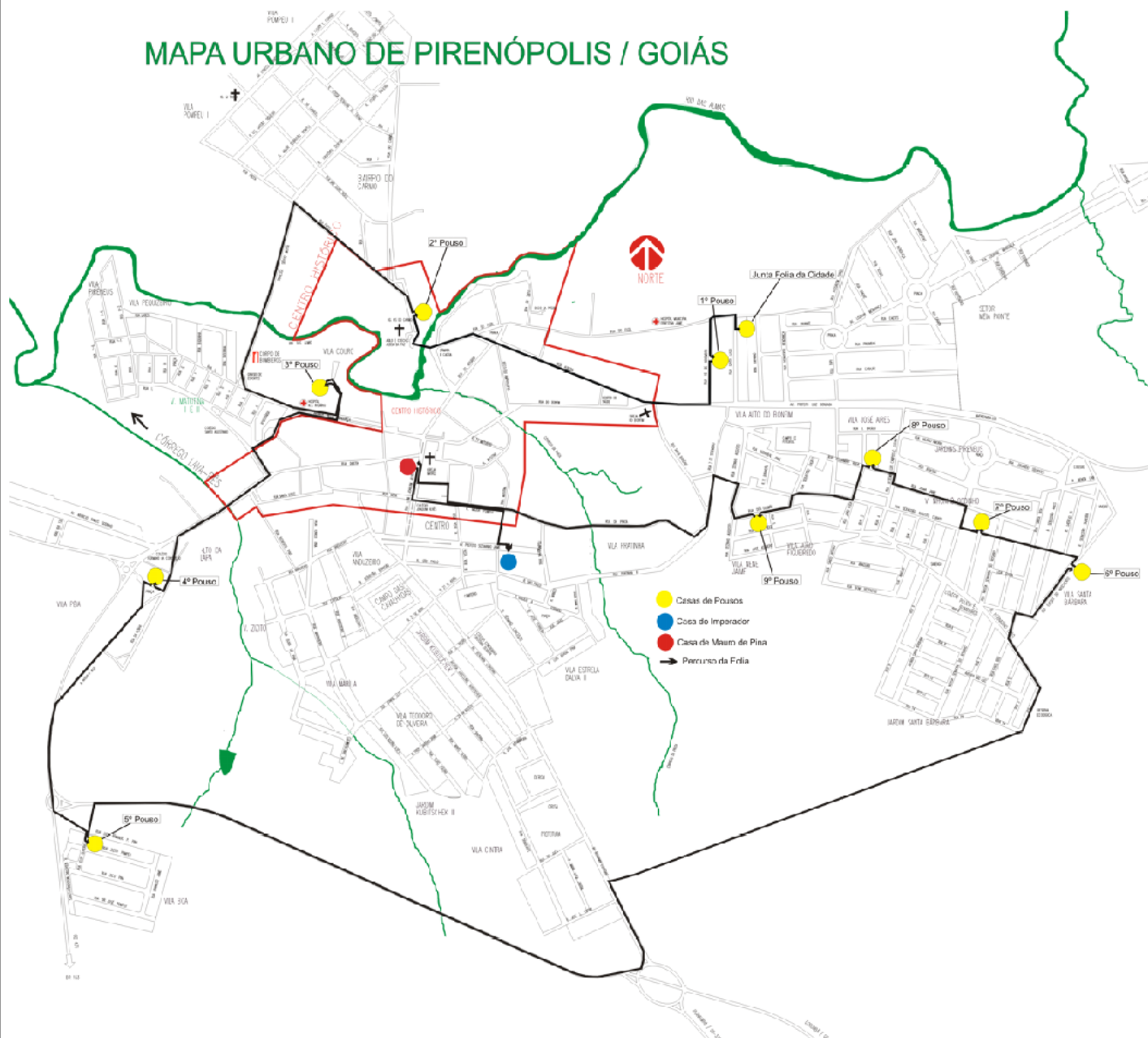
POUSO	DIA	LOCAL	PROPRIEDADE	LATITUDE	LONGITUDE
JUNTA	26/04/08	RUA DO ROSÁRIO Nº 27	OTÁVIO DE MORAIS		
1º POUSO	26/04/08	FAZ. SERINGUEIRA	SR NIVALDO, SR GAÚCHO E FAMÍLIAS	15° 47' 26.12"S	49° 01' 23.03"O
2º POUSO	27/04/08	FAZ. RAIZAMA	SR ANTÔNIO SANTANA E FAMÍLIA	15° 48' 30.91"S	49° 00' 07.84"O
3º POUSO	28/04/08	FAZ. SANTA RITA	SR NEGUINHO E FAMÍLIA	15° 49' 15.25"S	49° 02' 03.60"O
4º POUSO	29/04/08	FAZ. PULADÔ	SR SEBASTIÃO NOGUEIRA E FAMÍLIA	15° 50' 15.55"S	49° 11' 22.37"O
5º POUSO	30/04/08	POVOADO DE STO ANTÔNIO	COMUNIDADE	15° 49' 39.70"S	49° 08' 09.13"O
6º POUSO	01/05/08	FAZ. ENGENHO	SRA NIELMA, SRA DENISE E FAMÍLIAS	15° 50' 47.50"S	49° 04' 16.71"O
7º POUSO	02/05/08	FAZ. PINHEIRO	SR BRÁS MOREIRA E FAMÍLIA	15° 53' 38.20"S	49° 03' 26.60"O
8º POUSO	03/05/08	FAZ. CAIÇARA	SR JOÃO BALDINO E FAMÍLIA	15° 57' 50.56"S	49° 02' 47.34"O

ETEC/IPHAN – PERCURSO DA FOLIA DA ROÇA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02

MAPA URBANO DE PIRENÓPOLIS / GOIÁS



ETEC/IPHAN – PERCURSO DA FOLIA DA CIDADE

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES

GO 01 00 08 F20 02

12. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**12.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore brasileiro. 2ª Reimp. São Paulo: Global, 2008. 768p.

GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 1978. 181p.

PEREIRA, Ivone Aparecida. A Folia de Reis: ritos de outrora e de hoje. In: Deus: salve este devoto! As festas religiosas no Centro-Oeste. Goiânia, Ed. UCG, 2006. p. 9-13.

SILVA, Mônica Martins da. *A festa do Divino: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Goiânia, Agepel, 2001. 229p.

VEIGA, Felipe Berocan. A Festa do Divino Espírito santo em Pirenópolis, Goiás: polaridades simbólicas em torno de um rito. Rio de Janeiro, PPGACP/ICHF/UFF, 2002. 220p. (Mestrado em Antropologia).

12.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

- Entrevista com Manuel Moreira da Silva – Folião da Cidade em Pirenópolis em 18 de março de 2008.
- Entrevista com Otávio Francisco – Folia da Roça em 26 de abril de 2008.
- Entrevista com Roque Alves de Fonte – alferes da Folia da Roça em 26 de março de 2008.
- Entrevista com Luís Pereira da Silva – coordenador da Folia do Padre em 5 de maio de 2008.
- Entrevista com José Divino Pereira (seu Zuca), músico das Falias do Padre e da Cidade em 13 de março de 2008.
- Entrevista com Rafael Leite, alferes da Folia do Padre em 10 de maio de 2008.

12.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Anexo GO-01-00-08-F01-A2

13. OBSERVAÇÕES**13.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

As músicas e repentes que compõem os rituais das Falias, bem como de seus excelentes músicos.

13.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA

Não consta

13.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES

O surgimento recente de uma terceira Folia, a do Padre, vem atender aos anseios de muitos foliões, visto que o grande número de participantes, o consumo de bebidas alcoólicas e os bailões sertanejos (forrós) da Folia da Roça, têm provocado situações que fogem ao controle dos alferes. Para algumas pessoas, a Folia da Roça vem se desligando de seus preceitos religiosos. Ao mesmo tempo, incentivados pelo pároco, criam a Folia do Padre, que segundo informações do alferes Rafael Leite, começa com 12 foliões, numa clara associação aos 12 apóstolos no início de sua missão evangelizadora.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: CELEBRAÇÕES	GO	01	00	08	F20	02
--	----	----	----	----	-----	----

14. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS					
PESQUISADOR(ES)	Tereza Caroline Lôbo e João Guilherme da T. Curado				
SUPERVISOR	Marina de Macedo Soares				
REDATOR	Tereza Caroline Lôbo e João Guilherme da T. Curado				DATA
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Marina de Macedo Soares				12/11/2008